



A MIGRAÇÃO DE MULHERES PALESTINAS PARA A FRONTEIRA SUL DO BRASIL

Emilia da Silva Piñeiro¹
Márcia Esteves de Calazans²

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados iniciais de estudo e pesquisa (2016-2018) sobre os fluxos migratórios de mulheres palestinas para a fronteira entre o Brasil e Uruguai, a partir dos municípios fronteiriços Chuí e Chuy. Considerando o estágio em que se encontra a pesquisa propõem-se dar visibilidade a revisão realizada até o momento e compreender este processo migratório a partir da diáspora palestina e as relações de gênero baseadas no protagonismo das mulheres palestinas residentes nesta fronteira. Com a metodologia baseada na análise de dados secundários, revisão bibliográfica, leis, estatutos e políticas, contará também com entrevistas, grupos focais, - caracterizando-se um estudo de caso.

Palavras-chave: Migração. Mulheres Palestinas. Fronteira.

Introdução


As migrações enquanto questão social, na visão clássica do pensamento era entendida como um problema social secundário. Assis e Sasaki (2007) analisam que é a partir do século XX, com a crescente onda de deslocamento populacional mundial no espaço geográfico, que será desenvolvida uma contribuição específica ao tema migrações, identificando uma diversidade étnica, de classe e de gênero nas sociedades.

A migração palestina se deu em um contexto de diáspora. Com a criação do Estado de Israel em 1948, a comunidade palestina foi obrigada a deixar o seu país de origem, e alguns vieram a migrar para o Brasil e o Uruguai. Dentro desta perspectiva, propõem-se abordar a historicidade dos fluxos migratórios de mulheres palestinas para o território que delimita o Brasil e o Uruguai, mais precisamente nos municípios gêmeos Chuí (BR) e Chuy (UR), separados por uma única avenida, por isso esta fronteira é corriqueiramente chamada de cidades gêmeas e também de fronteira seca.

¹ Mestranda em Política Social e Direitos Humanos na Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Advogada. Pesquisadora do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Psicossociais Cidades Seguras e Direitos Humanos - LEPS/CNPq. E-mail: emiliapineiro@gmail.com.

² Ph.D. em Sociologia pela UFRGS. Professora-Pesquisadora no PPG Política Social e Direitos Humanos na Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Coordenadora do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Psicossociais Cidades Seguras e Direitos Humanos- LEPS/CNPq. E-mail: marcia.calazans@ucpel.edu.br





Com isso, uma parcela de migrantes Palestinos deslocaram-se para esta fronteira, fixando residência nestes municípios. A biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) salienta que a partir de 1970, começou um grande fluxo de árabes, principalmente palestinos para esta fronteira, que atualmente dominam a vida econômica, social e agora política destas cidades³.

Entretanto, esta pesquisa propõe-se a estudar o fluxo migratório de mulheres palestinas. Assis (2007) expõe que o estudo sobre mulheres migrantes se justifica porque no século passado não tiveram as suas experiências migratórias tratadas como objetos de análise. Os dados demonstram não apenas a presença feminina nos fluxos do início deste século, mas também o crescimento da sua participação nas migrações internacionais na segunda metade do século XX. Dessa forma, torna-se incisivo para entendermos a invisibilidade de gênero das migrações: a perspectiva teórica presente nos estudos de migração até o início dos anos de 1970 ignorava as diferenças de gênero, raça e etnia.

Mulheres Palestinas e fluxos migratórios para a Fronteira: Relações de gênero e invisibilidade


No mundo pós-colonial, as mulheres se converteram em potentes símbolos de identidade das sociedades e nações. As mulheres palestinas, conforme Denise Jardim (2009) se encontram dentro desses símbolos, principalmente através da sua integridade e autenticidade cultural. Para isso, será refletido a seguir o protagonismo das mulheres palestinas e as suas relações de gênero a partir da sua migração.

O aumento da migração feminina, a partir de 1970, ocorre em um contexto de crescimento das migrações internacionais a partir da segunda metade do século XX. Os migrantes contemporâneos, conforme demonstra Assis (2007, p. 750) “contam com um sistema de comunicações e transporte mais barato e eficiente, o que diminuiu as distâncias e tornou mais frequentes os contatos entre a sociedade de origem e a sociedade de destino” fortalecendo assim, as redes sociais tecidas no processo migratório.

As teorias de redes sociais constituem uma das abordagens alternativas aos extremos da teoria neoclássica e do determinismo estrutural. Enquanto as transformações macroestruturais são compreendidas como desencadeadoras das pressões migratórias, as famílias e as redes sociais respondem a tais pressões e determinam quais membros dos domicílios e das comunidades realmente migram. Nesse contexto, a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança em que as mulheres inserem-se ativamente. (ASSIS, 2007, p. 752).

³ Neste sentido, ver: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>





A compreensão do processo migratório a partir das redes sociais, demonstra importância das relações de solidariedade construídas pelas mulheres migrantes entre a sociedade de origem e de destino, o que as auxilia nos primeiros momentos da vida em um novo lugar. O estudo de gênero contribui para compreender o fluxo migratório de mulheres palestinas, pois a migração deixa de ser vista apenas como uma escolha plausível, pois agora envolve as redes sociáveis dos sujeitos migrantes, tornando-se uma estratégia de grupos da mesma comunidade.

As relações de gênero entre as mulheres muçulmanas, de acordo com Jardim (2009), são baseadas na solidariedade. Esta solidariedade se traduz em grupos masculinos e femininos. Estas mulheres são mediadoras de comunicação entre a família, ou seja, são as mulheres, mães e tias que organizam e atuam na comunicação entre as famílias.

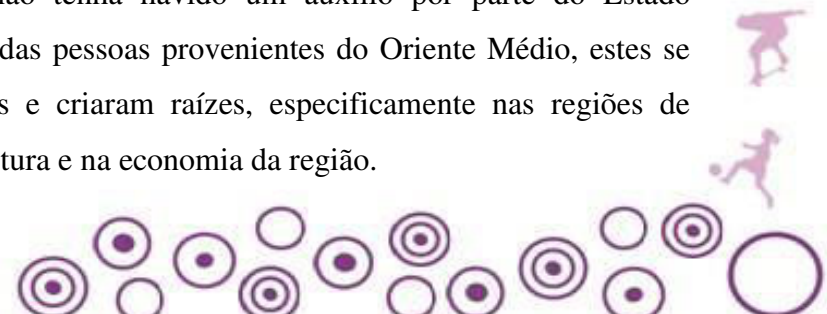
As mulheres palestinas são reconhecidas historicamente como transmissoras de cultura, dos valores nacionais e protetoras do núcleo familiar. Porém, estas mesmas mulheres também são vítimas de preconceitos e estigmatizadas por suas crenças, pelo *hijab* (modo de vestir islâmico) e outros paradigmas de vulnerabilidade que caracterizam a sua identidade.


Com isso, vinculamos esta pesquisa às trajetórias de mulheres palestinas (comunidade de origem-comunidade de destino), as socializações no espaço da fronteira Brasil-Uruguai, ressaltando como as categorias de gênero e migração articulam-se na fronteira Brasil-Uruguai.

A fronteira em estudo é constitutiva de vida social. Bento (2012, p.17) afirma que “fronteiras não significam necessariamente divisão, mas distinção”. Considerando o fato dos municípios de Chuí e Chuy constituírem cidades gêmeas na fronteira, como se estabelece a percepção destas mulheres migrantes em distintos territórios administrativos mas coirmãos sociais.

O que torna a fronteira de Chuí e Chuy ainda mais peculiar além do fato de ser uma cidade binacional, é a presença de outras comunidades que chegaram à região fronteira durante o século XX, oriundas principalmente do Líbano e da Palestina, que mesmo mantendo um forte vínculo com a sua cultura e costumes, adequaram-se à economia e a cultura da fronteira.

No Chuí brasileiro e no Chuy uruguaio como são reconhecidos estes municípios pela população que ali frequenta e reside, é possível identificar estes comércio e estas famílias, que segundo Bento (2012), embora não tenha havido um auxílio por parte do Estado brasileiro para a migração e instalação das pessoas provenientes do Oriente Médio, estes se estabeleceram em territórios brasileiros e criaram raízes, especificamente nas regiões de fronteira, impactando diretamente na cultura e na economia da região.





No que tange a cultura, conforme Alves e Cadoná (2015) é entendida como constituinte do ser humano em sociedade; cultura é o um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Nesse sentido, os palestinos fazem questão de transmiti-la a seus descendentes, como forma de preservar a sua tradição, sem esquecer a sua origem e a resistência política em busca de justiça pelas terras tomadas de seus pais e avós.

A experiência da migração palestina nos remete a ampliação do conceito de diáspora. Nas questões geradas pela diáspora, Hall (2003) ressalta a sua importância por serem centrais não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde um certo sujeito imaginado está sempre em jogo.

Hall (2003) pesquisa sobre o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural e como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento após a diáspora, assim como as mulheres palestinas lidam com a diáspora.

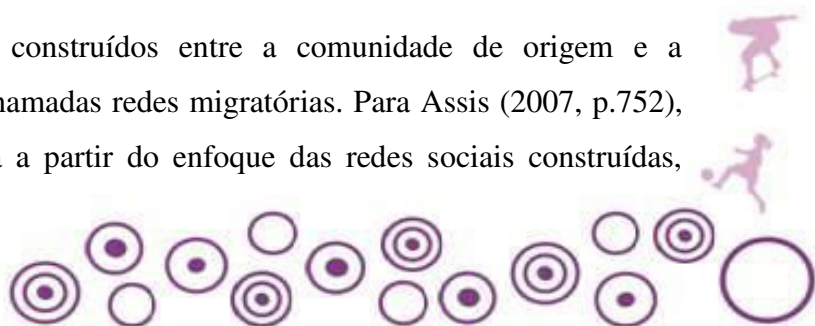
Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda a parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2003, p. 28).


A diáspora palestina nos reporta tanto a dispersão da sua terra natal pelo fato da crueldade do conflito com um exército atingindo diretamente os civis, quanto aos discursos que reivindicam até hoje, o direito a retorno e restituição do território que lhes foi tirado. Jardim (2016) acrescenta ao conceito da diáspora atual, de que é uma forma de evocar noções de justiça e reparações ao povo palestino.

A imigração palestina, nas palavras de Jardim (2006) é uma imigração particular, singular, um fenômeno imigratório contemporâneo. Isto porque a autora constatou um interesse dos filhos de imigrantes em dar seguimento as suas tradições, mesmo distante do seu país de origem ou descendência. Na cidade fronteiriça do Chuí, há um clube árabe para a sociabilidade e espaço de orações, e também um cemitério muçulmano.

Considerações Finais

Estes laços culturais e sociais construídos entre a comunidade de origem e a comunidade de destino, constituem as chamadas redes migratórias. Para Assis (2007, p.752), “a compreensão do processo migratória a partir do enfoque das redes sociais construídas,





aponta para a importância das relações de solidariedade que os migrantes constroem entre a sociedade de origem e a de destino”.

A comunidade palestina ao se estabelecer na fronteira em estudo integrou-se à comunidade fronteiriça, resultando em um pluralismo cultural nas cidades de Chuí e Chuy, caracterizado por ter um processo de miscigenação, de multiculturalismo da comunidade palestina, brasileira e uruguaia.

Não obstante, o bom relacionamento com os fronteiriços nem sempre foi imune de desentendimento ou estigmas e preconceitos. Neste patamar, as famílias palestinas sofreram preconceitos religiosos, porque em sua maioria são de religião muçulmana, mesmo o Brasil e o Uruguai sendo países laicos⁴. Entretanto, a comunidade palestina vai resistir a esta onda de preconceito, ainda sobre a perspectiva de Assef (2014), a comunidade palestina se fortalecera culturalmente, recriando estratégias de sobrevivência e convivência com a comunidade fronteiriça, seja com a divulgação de seus hábitos, com as mulheres utilizando o seu véu, seja na construção da Mesquita, com o intuito de demonstrar seus costumes, revigorar a sua identidade e consolidar a sua cidadania.

Monzón (2017) ressalta uma questão que parece óbvia, de que toda a experiência humana tem impactos diferenciados para mulheres e homens e para uma diversidade de identidades de gênero que se entrecruzam em condições históricas, sexuais, étnicas, etárias, de deficiência e de outros meios de opressão, discriminação e exclusão. A categoria gênero constitui uma ferramenta analítica para explicar os fenômenos da realidade social, e em particular o caso das mulheres migrantes palestinas as quais questões socioculturais, históricas, econômicas e políticas estão intrinsecamente ligadas aos motivos de sua migração.

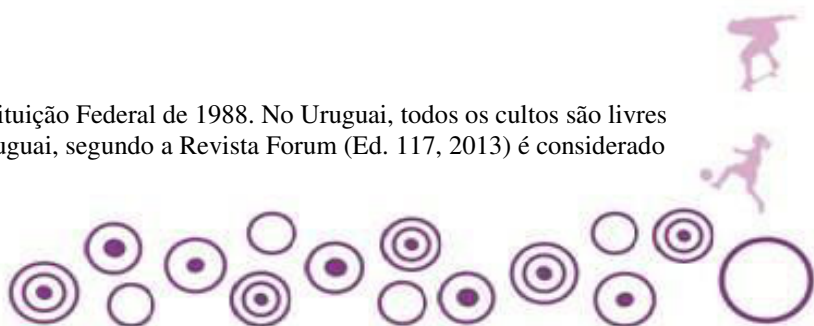
Referências:

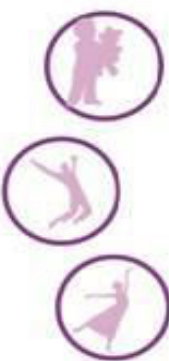
ALVES, Cinara Neuman e CADONÁ, Marco André. Imigração árabe e comércio de fronteira: uma análise da influência da cultura nas atividades comerciais desenvolvidas por imigrantes árabes na fronteira entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai).

Redes (St. Cruz Sul, Online). V. 20, nº 3. Santa Cruz do Sul. Dezembro 2015.

ASEFF, Liane Chipollino. Um olhar sobre a presença árabe na fronteira. **Estudios Historicos**. Año VI, número 12. Uruguay. Julio 2014.

⁴ O Brasil é um Estado laico – artigo 19 da Constituição Federal de 1988. No Uruguai, todos os cultos são livres – artigo 8 da Constituição Federal de 1997. O Uruguai, segundo a Revista Forum (Ed. 117, 2013) é considerado o país mais laico da América do Sul.





ASSIS, Glauca de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. **Teorias das migrações internacionais**. Caxambu: ABEP, 2000.

ASSIS, Gláucia De Oliveira. Mulheres migrantes no passo e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a15v15n3.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

BENTO, Fábio Régio (org.). **Fronteiras em Movimento**. Jundiaí: Paco Editorial. 2012.

FARINELLI, Victor. **Uruguai: o estado laico é possível**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br>> Acesso em 10 jun 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431710>> Acesso em 07jul.2017.

JARDIM, Denise Fagundes. **As mulheres voam com seus maridos: A experiência da diáspora palestina e as relações de gênero**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a08v1531.pdf>. Acesso em 07 jun. 2009.

_____, Denise Fagundes. Imigrantes ou Refugiados? As tecnologias de governamentalidade e o êxodo palestino rumo ao Brasil no século XX. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 46, p. 243-271, jul./dez. 2016.

_____, Denise Fagundes. Os imigrantes palestinos da América Latina. **Estudos Avançados**. Volume 20, número 57. São Paulo. 2006.

MONZÓN, Ana Silvia. **Mujeres, género y migración: Uma perspectiva crítica desde el feminismo**. In: *Feminismos, pensamiento crítico y propuestas alternativas en América Latina* / Alba Carosio ... [et al.]; coordinación general de Montserrat Sagot. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2017. Libro digital, PDF - (Grupos de trabajo / Atilio Alberto Boron).





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

